



**INSTANTES**



Ernani Mügge

# INSTANTES

Contos

2ª edição

E-book



São Leopoldo

2021

© Ernani Mügge – 2021  
ermugge@gmail.com

Capa: Tatiana Cruz

Revisão: Geraldo Korndörfer

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)  
Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)  
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)  
Eunice S. Nodari (UFSC)  
Haroldo Reimer (UEG)  
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)  
João Biehl (Princeton University)  
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)  
Marluza M. Harres (Unisinos)  
Martin N. Dreher (IHSL)  
Oneide Bobsin (Faculdades EST)  
Raúl Fonet-Betancourt (Aachen/Alemanha)  
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)  
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568-2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

M951i Mügge, Ernani  
Instantes: contos [e-book]. / Ernani Mügge. – 2. ed. – São  
Leopoldo: Oikos, 2021.  
70 p.; 13 x 20 cm.  
ISBN 978-65-5974-026-0  
1. Literatura brasileira. 2. Conto. I. Título.  
CDU 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável: Eliete Mari Doncato Brasil CRB 10/1184

Para  
Juracy Assmann Saraiva e  
Luiz Antonio de Assis Brasil



## Sumário

Apresentação .....	9
<i>Luiz Antonio de Assis Brasil</i>	
Prefácio à segunda edição .....	11
<i>Juracy Assmann Saraiva</i>	
O passeio .....	17
Tiela .....	21
A hora certa de dizer as coisas a um filho .....	24
O lugar proibido .....	27
O jogo .....	30
Primeiro dia .....	34
Infância .....	39
Decepção .....	43
Recomeço .....	47
A fogueira de Páscoa .....	50

Sabedoria .....	55
○ Aerowillis novo .....	58
○ concerto.....	62
Marianinha.....	66

# Apresentação

## O equilíbrio ideal

Este livro que você tem em mãos é um belo exemplo de como a persistência e o trabalho são sempre recompensados. Escrever, polir, retirar as incoerências e o supérfluo são atividades que sempre resultam num texto melhor do que o inicial. Claro, o instinto criador é imprescindível, mesmo que não seja suficiente.

Ernani Mügge é desses escritores que sabem aliar esforço ao seu talento. O resultado está aqui, nessa coletânea que reúne contos em que a mais visível tônica é o ser humano. Praticando uma linguagem esmerada e ao mesmo tempo essencial, nada está demais, nada falta. Temos, assim, a feliz

combinação de conteúdo e forma, em que a maior virtude reside exatamente neste equilíbrio justo entre a ideia e sua expressão. Não se pense, porém, num texto descarnado e exíguo: mesmo com sua economia, é capaz de passar ao leitor a profunda carga de solidariedade que, pensamos nós, reflete o caráter generoso de quem o escreveu.

As temáticas de Ernani Mügge são simples, na aparência; mas adentrando a complexidade das personagens e seus enredos, percebemos que há, por detrás, a mão sofisticada do contista experiente.

O leitor sentir-se-á recompensado pelo tempo despendido, pois terá incorporado a seu universo de vivências existenciais um repositório inexplorado de emoções e de sensibilidade.

Boa leitura!

*Luiz Antonio de Assis Brasil*

## Prefácio à 2ª edição

### Instantes permanentes

O termo instante sugere algo muito breve e pode ser visualmente concebido como um lampejo de luz que, ao acionar o olhar, produz imagens irrisadas. Apagada a luz, as imagens se escondem na mente e lá habitam até serem acionadas pela memória e ganharem forma por meio de palavras, capazes de produzir novas fulgurações, já não efêmeras, mas impregnadas da tentativa de transformar o instante em algo duradouro e resistente.

Os contos de *Instantes* parecem ser produto de percepções ou de imagens instantâneas que romperam a monotonia e a monocromia do cotidiano para nele iluminar o aparentemente irrisório, confe-

rindo-lhe vitalidade e cor e, também, sentimentos que afetam a sensibilidade humana. Na leitura, os contos transferem seu instante originário ao leitor que, por meio deles, vê o que não enxergara e descobre o que não conseguira compreender.

O sentido de impressões e sentimentos é recuperado pelos contos que conduzem o leitor a viver episódios, aparentemente banais, mas revestidos de um intenso grau de humanidade. Assim, o leitor defronta-se com a experiência de um velório, visto pela ótica de um menino, para quem a morte não tem a menor importância, mas que tem o desejo de descobrir por que o “homem tinha algodão no nariz”; ele, o leitor, compartilha da interrogação sobre as inapreensíveis razões dos pais para decidir o que um filho deve ou não saber; acompanha a experiência de transgressão de dois meninos que invadem um espaço proibido e tentam romper segredos, bem como o castigo que sucede a um deles, enquanto o outro agradece por não ter um só-tão em sua casa. A expectativa de um menino de

participar de um jogo de futebol, menos pelo jogo do que pelo cachorro-quente que será saboreado, comprovando a importância dos pequenos prazeres, é outro instante de luz para o leitor. O primeiro dia de escola, em que o menino precisa sufocar o medo do novo, do inusitado e a angústia do afastamento dos pais para um dia ser alguém, repercute no íntimo do leitor; o enfrentamento de perigos imaginários, o gosto pela aventura e o preço pago por isso; a visita a parentes, embalada pela possibilidade de comer picolés, desejo irrealizável para quem não conhecia luz elétrica e que é frustrado pelo oferecimento do velho e conhecido sagu; a dolorosa despedida de um pedaço de terra, que é recalçada pelo silêncio; a recuperação de ritos tradicionais, como o da fogueira de páscoa, e a consciência de sua perda; a idolatria do neto em relação ao avô e a compreensão do sentido da sabedoria são outras tantas releituras do mundo das percepções, sensações e sentimentos que mostram facetas do humano, revividas na literatura.

Em seu conjunto, os contos de *Instantes*, ao recomporem fulgurações do cotidiano, suscitam experiências que, de uma forma ou de outra, são pessoais e coletivas. Nesse sentido, os contos permitem aquilo que cada pessoa gostaria de realizar: reter, segurar o tempo, para que instantes especiais da vida não sejam arrastados pela voragem, isto é, pela transitividade do tempo. Portanto, a leitura dos contos confere ao leitor imagens irisadas de sua própria interioridade, mediante a qual ele reencontra aspectos que lhe permitem recompor o desenho de sua vida e conhecer melhor a si mesmo.

Sob o ângulo da configuração da identidade, os descendentes de alemães podem orgulhar-se do livro de Ernani Mügge: os contos reproduzem fragmentos da vida das comunidades teuto-brasileiras do interior, constituindo retratos em miniatura de um modo de agir, ver, compreender e avaliar a vida, presente nessas comunidades. Assim, na década em que se comemoram 200 anos da imigração alemã, as narrativas ficcionais de *Instantes* constroem um

registro autêntico de práticas, hábitos e valores vinculados às origens germânicas. Consequentemente, a obra resguarda uma história que não deve ser esquecida, e suas narrativas transformam instantes em algo permanente.

*Juracy Assmann Saraiva*

Novo Hamburgo, 05 de setembro de 2021



## O passeio

Dessa vez nos deixaria ir junto, disse mamãe, e nos mandou lavar os pés. A um lugar desses a gente tem que ir de calçado fechado, ensinou.

Quando chegamos próximo ao casebre, ouvimos choro. O cão latiu triste, rabo baixo, e um gato correu para se esconder atrás do pé de azaleia.

Entramos. Era uma senhora de preto que chorava alto. Mamãe deu um abraço nela e disse qualquer coisa no seu ouvido. Ela chorou ainda mais. Aproximei-me de minha irmã e ficamos olhando aquele caixão feito de tábuas sobre duas caixas meio escondidas por flores. Eu expliquei à minha irmã que as pessoas levavam flores para esconder as caixas velhas e feias debaixo do caixão. Minha irmã também não sabia que as velas acesas eram para

iluminar a alma do morto. Que tonta! Por cima ainda perguntou o que era alma. Eu disse que sabia só que não achava as palavras para explicar certo.

– Tu também é um burro! – irritou-se.

Aí minha mãe nos puxou e sentamos ao seu lado. Como não podíamos fazer barulho porque minha mãe tinha proibido, ficamos olhando em volta. Eu vi que um senhor à nossa frente tinha uma orelha maior que a outra e que a mulher ao seu lado não tinha o mindinho. Eu perguntei à mamãe se aquela senhora tinha cortado o dedo com a foicce e ela fez sinal para eu ficar quieto.

Mas algumas pessoas conversavam. Principalmente lá fora alguns falavam bem alto. Eu espiei e vi que eles também fumavam, e quis saber se os adultos podiam fumar no velório. Mamãe agora olhou mais braba e eu sabia que não podia mais dizer palavra. Por que será que não nos deixava ficar com papai no pátio? Lá pelo menos a gente podia conversar.

Minha irmã balançava uma perna para frente e para trás e olhava fixo para as velas. A chama mexia e às vezes quase apagava.

– Se a vela apagar ...

– Fica quieto! – mamãe me xingou, porque eu tinha esquecido de novo que, no velório, se a gente estava dentro de casa não podia conversar. Só na varanda ou no pátio. Mas logo vi que isso também não era bem assim porque algumas pessoas também conversavam dentro. Tive vontade de perguntar para mamãe por que elas podiam, mas eu não queria que ela se aborresse comigo e por isso fiquei quieto.

Minha irmãzinha se mexia no banco e choramingava. Reclamou fome. Mamãe tirou um doce de melado da bolsa e deu para ela. Eu também queria um e a senhora de avental azul veio e informou mamãe de que na cozinha tinha cuca. Eu logo fiz sim, mas mamãe agradeceu e disse que não precisava se incomodar. Eu não gostei porque sonhava com cuca, ainda mais se fosse com recheio de chocolate.

Eu acho que mamãe enjoou de pedir silêncio. Por isso nos deixou ir lá fora. Mas não queria nos ver correndo ou gritando. Eu prometi obedecer. Também cuidaria de Margarete.

Quando já tínhamos comido um monte de bergamotas daquele pé cheinho, papai nos chamou e fomos para casa. No caminho, perguntei por que o homem tinha algodão no nariz. Mamãe explicou que era porque ele estava morto.

Apostei corrida com Margarete até o pé de fruta-do-conde. Eu ganhei, como sempre. E ela brigou comigo porque eu era grande e não tinha dado chance.

## Tiela

Início da noite, Oli urinava ao lado da Estrada Geral, na altura da grande rocha, próximo aos trilhos de trem. Estava a caminho para se divertir mais uma vez na cama de Tiela. É ali que deixava quase metade de seu salário ganho como peão na lavanderia, e não se importava de gastá-lo dessa forma.

Nos dias de chuva, passava as tardes nas bodegas da região, contando histórias. Depois, já embriagado, dormia onde a cachaça o jogava, na maioria das vezes nos galpões das redondezas.

Tiela trabalhava sozinha. Quando a freguesia aumentou, colocou uma caixinha com fichas na entrada da casa. Três ou quatro por noite. Às vezes, um e outro esperava, mesmo sem ficha, para ver se, já alta madrugada, conseguia convencer Tiela a abrir uma exceção.

Dela, pouco se sabia. O apelido lhe fora dado pelos próprios frequentadores. Às vezes, quando alguém era visto na vila com uma mancha escura no pescoço, dizia-se, simplesmente, foi “ela”. Assim, como ninguém sabia o nome da nova habitante, a chamaram de Ela, que depois virou Tia Ela e daí a pouco Tiela.

Oli gostava de Tiela, que retribuía seu carinho. Às vezes, sendo o amigo o primeiro a chegar, ela fechava a casa só para conversar com ele. Depois dormiam até a metade da manhã, como marido e mulher. Nessas ocasiões, Oli se achava importante. Gostava especialmente quando ela o acordava. Sempre do mesmo jeito.

– Meu querido! Acorda! O café está sobre a mesa – dizia, jeitosa, com um sorriso de noiva em lua-de-mel.

Nessa noite, Oli precisava dos carinhos de Tiela. Pôs-se a caminho assim que terminou o serviço. Passou por poteiros e roças, quase correndo. Que-

ria chegar logo. Assim, talvez Tiela o presentearse com mais uma noite.

Mesmo de longe, por generosidade da lua, avisou o pequeno chalé entre as frutíferas, ao lado do galinheiro com telhadinho de zinco. Não havia luz, o que era muito estranho. Ela sempre clareava a casa quando chegava a noite.

Oli correu. Próximo, reparou na porta entreaberta. Foi direto ao pequeno quartinho. Lá estava ela, deitada sobre a cama. Fria. Oli tentou acordá-la: sacudiu-a, chamou seu nome, até que se convenceu de que sua Tiela realmente estava morta. Assim, cobriu-a até o pescoço com um lençol branco que tirou da cômoda. Acendeu uma vela e colocou-a no bidê. Sentou ao lado da defunta.

Naquela noite, Oli foi o dono da casa.

## A hora certa de dizer as coisas a um filho

Boiar. Alguns segundos pelo menos. Depois um pouco mais. Até conseguir, finalmente, ser uma folha sobre as águas. Um desejo. Mas não conseguia. Quando tentei pela vigésima vez, ouvi gritos lá de casa. Um choro alto, desesperado. Corri o mais rápido que pude. No pátio, a vizinha. Minha mãe a abraçava. Meu pai, ao lado, com um copo d'água. Perguntei se Hilda não estava bem. Ele fez sinal para eu sair de perto. Depois ordenou:

– Vai te secar!

Realmente eu estava arrepiado. Só de calção. Molhado. Mas não obedeci. Queria saber das coisas. Suspeitei de que algo muito grave tinha acontecido com a vizinha. Ou na casa dela.

– Fica aqui! – mandou papai, momentos depois.

Foram embora, na direção dos Herzel. Minha mãe ainda abraçada à amiga. É meu pai à frente. Quase corriam.

Demoraram muito a voltar. Tive vontade de ir até a casa dos Herzel. Mas ordem do pai era para cumprir. Além do mais, já havia levado as palmas da semana. Lembrei-me do tema de casa e resolvi fazê-lo. Assim adiantava o serviço e teria o domingo todo livre. Talvez até recebesse um elogio à noite.

Estava no décimo segundo cálculo quando os escutei no pátio. Corri até eles. A mãe com os olhos vermelhos, olhar assustado. Papai disfarçava o nervosismo. Perguntei pela vizinha.

– Tá em casa – murmurou papai.

– Mas o que ela tinha? – arrisquei-me.

– Ela nada. O sogro.

– Ach, Paul! Chega! – pediu mamãe.

E emendou para mim:

– Ele morreu.

Eu sabia que havia algo mais. Confirmei minha suspeita mais tarde, quando ouvi os dois conversarem. Não repararam que eu estava por perto. Mamãe disse que devia ter um motivo para o Herzl fazer isso. Concluí que ele devia ter se matado. Espiei-os mais um pouco. Papai falou de dívidas. Então era isso.

À noite, chamaram-me para a cozinha.

– Ele morreu – disse-me papai. – Enforcou-se.

E mamãe:

– Tu já tem idade para saber essas coisas.

Convidaram-me para ir ao velório. Enquanto trocava de roupa, perguntei-me como os pais sabiam quando era hora de contar tudo a um filho. Não encontrei resposta. Logo, devia ser muito complicado.

## O lugar proibido

Depois de importantes conselhos como não brincar com fogo, não chegar perto dos animais no potreiro e nem fazer arte, os pais de Jonas saíram. Era tudo o que queríamos no primeiro dia de férias.

Jonas apontou para o sótão. Subimos. Às vezes, na ausência dos pais, ele, às escondidas, ia ao sótão, confidenciou-me. Desde bem pequeno sabia que aquele lugar era proibido. Perguntei o motivo. Nunca me disseram, foi a resposta.

Ali estava o proibido: uma cama de casal e um velho baú ao lado, com a tampa toda empoeirada. Tiramos de dentro vários objetos. Em meio a eles, o retrato de uma mulher.

Os cabelos dela talvez voassem para trás com um sopro. Seus olhos piscariam, se quisesse. Fiquei

com receio de que perguntasse o que estávamos fazendo lá. Afinal, não era um lugar proibido? Eu queria descer, mas Jonas não foi junto. Seus pais demorariam. Sempre levavam tempo para fazer o rancho. Mas não é por causa deles, defendi-me. Eu tinha medo.

Perguntei a Jonas se a mulher do retrato tinha nome, se ele sabia quem era. Não, ele não tinha ideia. Eu insisti. Será que não era uma parente? Talvez uma prima. Ele não disse palavra. Respirou fundo e largou o retrato no chão.

Tiramos mais coisas do baú. Um relógio estragado. Feminino. Deve ter sido dela, opinei. Também alguns livros. Procurei por um nome nas páginas. Nada. Sequer uma letra. Brincamos alguns minutos com aquelas coisas.

Quando ouvimos o motor do carro, guardamos tudo. Descemos e saímos pela porta dos fundos. Fizemos a volta na casa e nos apresentamos para os pais de Jonas com a funda em uma mão e algumas pedrinhas em outra.

À noite, durante o jantar, perguntei ao pai de Jonas quem era a moça do retrato. Esquecera que não podia falar daquele assunto. O velho apenas olhou para o filho, que baixou a cabeça e foi para seu quarto. O pai se ergueu, tirou o cinto e, segurando as duas pontas na mão, entrou no quarto de Jonas. Três cintadas e um choro reprimido. Fechei os olhos e agradei por não termos um sótão em casa.

## O jogo

Matheus espera na beira da estrada. Melhor roupa, congua no pé e as moedinhas na mão. O suficiente para a gasosa e o cachorro-quente. Está em dúvida. Talvez hoje coma um pastel. Aí sobra mais troco para as balas.

Quando o velho Mercedes aparece na Curva da Onça, Matheus não resiste:

– Pai, pai! Rápido!

Por sorte o pai vem logo. Matheus agarra sua mão e saltita. Como são bonitas as tardes de domingo quando tem jogo do Rui Barbosa. Hoje é um amistoso, contra os veteranos do Grêmio. Matheus ainda não sabe para quem torcer. Torce para os dois times. Pronto.

O caminhão encosta. Lotado, como sempre. O pai ergue o filho, e um torcedor o ajuda a subir

na carroceria. Arnildo também sobe. Aí os torcedores gritam. A condução pode partir.

O caminhão lentamente reinicia a marcha. Espremido entre as pessoas, agarrado às pernas do pai, Matheus pergunta:

– Pai, tu vai comer pastel ou cachorro-quente?

O pai não ouve. Conversa com os amigos, porém Matheus não se incomoda.

Os torcedores se divertem. Velhas canções do dialeto alemão que falam de meninas e de cerveja são cantadas com a alegria da roça. A cada solavanco, a letra é interrompida por gritos.

Já no campo, agarram-se à tela do alambrado, num pequeno espaço ainda vago. Matheus reclama. Não quer ficar ali.

– Fica aqui! – ordena-lhe o pai.

Matheus se aquieta. Os jogadores entram em campo. Tapa os ouvidos quando os foguetes anunciam o início do grande acontecimento.

Pouco depois, vê os torcedores chacoalhar a tela e xingar. Sempre é assim:

– Ladrão! Sem-vergonha!

Às vezes Matheus também se anima. Grita as mesmas palavras. Quando o Grêmio faz gol, alguns pulam felizes. Outros vão. O pai só olha a festa dos jogadores. E Matheus pergunta se não está na hora do intervalo. Ele não responde e Matheus fica brabo. Reclama baixinho, agarrado à tela.

Quando finalmente o juiz apita o final do primeiro tempo, dirigem-se à copa. No balcão, os torcedores comentam o pênalti que Zequinha chutou no travessão e a defesa de Carlos com o pé.

Matheus pede a gasosa. Toma alguns goles enquanto caminham para a fila da cozinha. Gostaria que o pai fosse mais rápido. Apressa-o, puxando sua mão. Depois de mais alguns minutos de espera, pode fazer o pedido:

– Eu quero um cachorro-quente!

Está quentinho. Lambe o molho que escorre pelos lados.

– E aí? – pergunta o pai – tá bom de molho? – emenda, debochado.

Matheus morde um pedaço e oferece o cachorro ao pai. Ele faz que não. Está com uma cerveja.

O menino insiste e ele aceita. Mastiga com aprovação.

Voltam ao mesmo lugar, e Matheus senta-se no chão. Entretido com o cachorro-quente, não vê os gols. A garrafa, depois de vazia, encosta no alambrado.

Os torcedores gritam, enquanto Matheus brinca com algumas pedrinhas.

– Pai! A mãe foi na casa da Alzira? – quer saber.

O pai não ouve. Agora torce para o Rui Barbosa. Talvez porque esteja perdendo. Sacode a tela, chuta o poste. Até fala um nome feio.

Matheus anda um pouco em volta. Faz xixi numa goiabeira e atira algumas pedras numa lata abandonada perto de um eucalipto.

Perto do final do jogo, Matheus boceja, encostado à perna do pai, de costas para o campo.

## Primeiro dia

Suzanne arrumou-o com todo cuidado. Camisa branca e calça azul-escura. Sapatinhos pretos da Tia Norma especialmente para o grande dia. Faltava a glostora, e a mãe loguinho deu um jeito nos cabelos. Papai veio correndo do galpão e abraçou o filho.

– O meu filho! – admirou-se, batendo a mão contra o próprio peito -- O Doutor William! – acrescentou.

O menino sorriu, calado. Depois os pais o acompanharam até o pátio. Aí ele deu alguns passos sozinho. Quando olhou para trás, teve certeza que, dessa vez, não iriam junto. Lá estavam eles, ainda abanando. A mãe um pouco mais triste. Mas sorria.

William deveria ir com Catarina. Ela já esperava na estrada.

– Cuida bem dele! – gritou a mãe para a vizinha – Ele ainda é pequeno.

Catarina agora não era a mesma menina que sempre brincava com ele nos finais de tarde. Hoje era quase uma estranha e, por isso, ele não conversava com ela.

O caminho era longo. Sabia disso. Muitas vezes, quando ia com o pai ou a mãe à vila, eles diziam aqui um dia vais estudar, apontando para o prédio amarelo com janelas azuis. É a escola, aonde todas as meninas e todos os meninos precisam ir para ser alguém na vida, afirmavam. Olha só que lindo o uniforme, encantava-se a mãe, nas muitas vezes em que viu os alunos brincarem no pátio. William também o achava bonito, mas hoje era feio, incômodo. Só se mamãe ou papai estivessem junto. Aí seria lindo.

O nome da escola também já sabia: Escola Paroquial 15 de Novembro.

Quando chegaram, Catarina foi falar com suas amigas, todas do tamanho dela. Riam e se divertiam, até que viram chegar um senhor de gravata e paletó. Todos gritaram o *professor*, o *professor*, e já se colocaram em fila. William correu em direção à estrada e um braço enorme o agarrou por trás e o segurou bem firme.

– Não pode fugir, guri! – ouviu alguém dizer.

Era um estudante mais velho, que o levou à fila, bem na frente.

Dentro da escola, o professor mandou que William sentasse entre dois grandões. Depois ele se apresentou e falou sobre as regras. Tinha uma voz bem alta. Todos os alunos ouviam quietos. William também não se mexeu. Só os olhos podiam se inquietar. Eles caçavam algo interessante, curioso. Mas sempre retornavam para o pescoço do professor, logo acima do colarinho da camisa. Lá ele tinha uma grande verruga e, dependendo do movimento da cabeça, ela roçava de leve no tecido branco da camisa.

William fixou outras bolinhas ao redor do pescoço do professor, até formar um colar. Achou engraçado, mas não riu. O professor tinha cara de brabo e, com toda certeza, perceberia qualquer movimento seu.

Lá fora, os quero-queros se inquietaram. Um cachorro latiu, e William, por momentos, lembrou-se de seu Capitão. Onde estaria ele? E o pai e a mãe?

O professor agora escrevia no quadro. O grandão ao lado de William perguntou:

– E daí, gurizinho! Tu não tens caderno?

William enfiou a mão na sacola de pano e roçou no saquinho de merenda. Sentiu fome.

Na capa do caderno novinho, William viu escrito seu nome e, logo abaixo, primeira série. Como era bonita a letra da mãe, bem desenhada. Também gostaria de um dia escrever tão bonito.

Pegou o lápis e a borracha e alinhou-os ao lado do caderno, sobre a mesa. Depois transformou-os em trenzinho e caminhão.

– Agora a primeira série! – o professor disse.

Era com ele. O que será que o professor ia mandá-los fazer? Procurou por Catharina. Ela escrevia no seu caderno, cabeça baixa. William olhou pela janela. O dia estava bonito. Sol claro, sem nuvens. Que vontade de estar lá fora!

Não teve mais tempo para pensar. Tinha que fazer um desenho bem bonito de sua casa. Desenhou-a com entusiasmo, fumacinha saindo da chaminé e tudo. No pátio, algumas galinhas, o galo, Capitão, o gato. E papai e mamãe, de mãos dadas. Chorando.

## Infância

No pátio da escola, os alunos comentavam as novidades da vila. Aquela, então, tornou-se o assunto principal do dia.

– Vai lá olhar, se não acredita! – irritou-se Jorge. – Quem contou não mente.

O homem dormia de pé. Jurava. Era morador novo, próximo ao Arroio Princesinha. Não se sabia a procedência dele. Provavelmente de outro estado ou país. Ou ainda de um outro planeta.

Queriam vê-lo. Assim, combinaram o encontro na frente do Armazém Secos e Molhados, às cinco da tarde, no sábado. Com ou sem chuva.

– Quem duvida, que vá! – desafiou Jorge, convicto da existência do tal homem.

Contaram os interessados. Onze, no total.

Na sexta-feira, mais quatro decidiram acompanhar o grupo. Nesse dia, a concentração nos conteúdos que os professores se esforçavam para explicar foi difícil. Todos queriam saber se era tudo verdade, se o cara era anormal, se vestia roupa, se comia, se escovava os dentes. Se tinha dentes.

Não havia como desistir. No sábado, perto do horário combinado, lá estavam todos reunidos. Com os novos integrantes, eram 16. Iriam todos juntos, para não terem surpresas. Perto da casa, formariam equipes e ocupariam os melhores postos.

Partiram. O sol já se punha atrás dos morros. Mário à frente do pelotão. O Comandante.

Não durou muito, de uma elevação, avistaram o Princesinha.

Mário ergueu o braço e brecou. Posicionaram-se em volta dele.

– Estamos próximos – informou. – Não há mais como recuar. Mas também não tem o que temer.

Essas últimas palavras, ditas com a impulsividade de um grande líder, arrancaram os três gritos

de guerra que tantas vezes se ouviam nas trincheiras imaginárias durante as guerras com bosta de vaca nos poteiros aos sábados à tarde.

– A localização exata é ali – declara, apontando para o local com o dedo.

Não demorou muito avistaram um chalé à beira de estrada, logo depois de uma curva, pequeno, sem pintura, rodeado por árvores. Um galinheiro e um galpãozinho ao lado. Era ela. A casa do homem que dormia de pé.

– Está abandonada! – surpreendeu-se Jorge.

– É claro! – apressou-se Gilberto – Como você imaginava a casa de um homem que dorme de pé?

O Comandante não gostou e encarou os dois, que se calaram.

– Vamos fazer de conta que estamos passeando e nos aproximar um pouco mais! – ordenou Mário.

– E se ele aparecer? – quis saber um soldado.

– Pedimos por água – propôs o Comandante.

Aproximaram-se. As pequenas janelas estavam fechadas. A porta também.

– Já deve estar dormindo de pé na frente da cama – ouviu-se entre o pelotão, num tom de deboche. E um riso comedido.

O Comandante quis saber quem havia feito a brincadeira. Lobinho foi identificado e expulso, bem como os que acharam graça. Não serviam para uma missão tão séria e perigosa.

Agora eram somente oito. Esconderam as bicicletas e, em duplas, cercaram a casa. Permaneceram de espreita por longo tempo, até que a lua cheia derramou sua luminosidade morna sobre o vale.

Não se acendeu luz alguma na casa. Nem um movimento. Barulho, apenas do Princesinha, cujas águas poliam algumas pedras ao longo do curso.

Por fim, o Comandante, sonolento, ordenou que seus soldados se aproximassem da casa. A porta estava apenas encostada. Entraram. Com um isqueiro, foi possível identificar um pedaço de pano velho atirado ao chão e uma bacia de plástico, remendada com esparadrapo.

Alguns minutos mais tarde, oito crianças retornavam cansadas para as suas casas.

## Decepção

Divertiam-se entoando picolezinho, picolé, picolezão, vem encher o nosso barrigão.

Ainda cedo e as duas crianças já corriam pelo pátio. Cantavam musiquinhas, pulavam corda, brincavam com os cachorros. Depois de longa espera, o dia da festa: o domingo.

Arnoldo e Josefina ainda não estavam prontos. Nem Mário, o filho maior. Demoravam para tratar os bichos, tirar leite e coá-lo. Depois precisavam carregar as cinco latas para a beira da estrada onde, mais tarde, o leiteiro as recolheria.

Faltava, também, o banho, o café. Para as meninas, tudo era muito demorado, arrastado, adulto. As mochilinhas já estavam sobre a cadeira, na varanda. Ao lado, as bonecas.

Suadas, Carla e Helguinha agora esperavam na cozinha. Sabiam que em breve todos estariam ali. Finalmente.

Mário estava duplamente ansioso. Se, por um lado, queria logo chegar à casa de Tio Arthur, por outro, queria que a viagem demorasse. Seria a primeira com seu próprio cavalo.

Tudo pronto, partiram. Pela frente, boa hora e meia até Linha Céu Bonito.

De longe, avistaram fumaça.

– Porco, rês ou ovelha? – perguntou Mário, esfregando o estômago.

Ninguém respondeu. O pai fez cara de desaprovação. E as meninas de entusiasmo. Mas, e a sobremesa? O que seria a sobremesa? Sem dúvida, picolé.

Chegaram. O pai de Wilma tocava gaitinha de boca enquanto cuidava do fogo. Arthur espetava a carne, e a esposa cantarolava na cozinha. Todos vieram ao encontro dos parentes quando os viram.

Depois dos cumprimentos, as duas meninas espiaram porta adentro. Lá, no canto da cozinha, es-

tava ela. A tão desejada. A idolatrada. Larga, alta, bege.

– Uma Admiral! – alegrou-se Helguinha.

E riram um riso de criança, tapando a boca.

Foram brincar no pátio e esqueceram, por instantes, os picolés. Prestaram atenção na conversa dos homens, perto da churrasqueira. Falavam sobre a roça, a respeito da vacinação contra a aftosa, de energia elétrica. Ouviram o tio perguntar:

– E então, já colocaram os postes?

O pai respondeu negativamente, mas que já tinham feito a medição. Agora a espera seria de dias. Talvez de um ou dois meses, no máximo.

As meninas se abraçaram. Teriam geladeira, televisor.

Almoçaram comedidas. Às vezes se olhavam, piscando o olho. Mas se cansaram esperando os outros terminar. Como comiam! Não poderiam ser mais rápidos?

Quando finalmente todos estavam satisfeitos, Tia Wilma observou:

– A sobremesa vem mais tarde.

Por que só mais tarde? Não era já a hora de comer sobremesa?

Mas aliviaram-se quando ela perguntou:

– E as mocinhas, querem agora?

Fizeram cara de quem diz tanto faz. Por fim, Carla arriscou-se:

– Pode ser!

Tia Wilma abriu a geladeira e tirou uma enorme tigela de sagu.

## Recomeço

Arnold senta com dificuldade ao lado do fogão, na cadeira de palha. Sem se erguer, ele abre a portinhola e confere o fogo.

– Será que ponho mais lenha? – pergunta à mulher, sem olhá-la.

Não obtém resposta. Ele decide continuar o fogo. Assim pelo menos a cozinha ficaria quente. Opta pela acha de angico mais grossa, que ajeita entre as brasas. Queixa-se de dores.

Soam oito horas. Mesmo assim ele olha para o relógio pendurado na parede: herança do pai. E para o seu, de bolso, comprado quando ainda era solteiro. Este está alguns minutos atrasado. Regula-o com o vagar de quem já não se incomoda com o tempo.

– Eles estão atrasados! – observa a mulher, saindo de um longo silêncio. – Não iam estar aqui às sete? questiona, mais pausadamente.

– Mina, não tem problema! – observa.

– É – ela se convence.

Faz-se silêncio de novo. Enquanto ela corta as unhas com a tesoura, o marido fixa o olhar na chaleira sobre o fogão, cujo bico esguicha vapor.

– Será que vamos nos acostumar na vila? – ela quer saber.

Não havia outro jeito.

Um cão late longe. No vizinho.

– São eles! – diz Guilhermina, sem erguer os olhos.

– São – concorda o marido.

Arnold sai. No pátio, olha o céu e procura pelo Cruzeiro do Sul. Mija no abacateiro.

Lá longe, percebe a luz fraca de uma lanterna. Ela se aproxima muito lentamente. Ele entra.

– Estão vindo! – comunica à mulher e torna a ocupar seu posto ao lado do fogão.

Arnold olha pela janela. A luz agora está próxima do pátio. São eles: o casal que veio negociar a terra.

– Ô de casa! – a voz do homem lá fora.

Arnold convida-os a entrar.

Ainda são jovens. Têm muita energia para trabalhar a terra.

Não há muito a conversar. Mal se conhecem. Vieram apenas para fechar o negócio e acertar os detalhes da transferência e do pagamento. Depois de tudo resolvido, se despedem.

Quando os novos donos da terra dão as costas, Guilhermina pergunta a seu marido:

– Lembra quando começamos aqui?

Lembrava.

## A fogueira de Páscoa

O vento refresca um pouco aquele lento entardecer. Charles, Maninho, Pedro, Vítor e Rutinha correm ao redor da fogueira. Ainda ajeitam um ou outro graveto. A palha que cai ao chão, derrubada pelo vento, é novamente acomodada, com todo o cuidado. Charles imita o pai, como se colocasse fogo: encurvado, esticando o braço em direção aos ramos secos de pinheiro. E todos batem palmas e gritam.

– Cuidado com a roupa limpa! – adverte a mãe da janela da cozinha.

Outros gritos ecoam pela colônia. A picada, ao longo da estrada, é um cordão estendido que liga os vários morros por seus umbigos. Lá no fundo, numa pequena planície, o vilarejo. Em dias cla-

ros, avista-se a torre da igreja e um aglomerado de telhados.

Daqui a pouco, fogueiras vão ser acesas em outros lugares, quase ao mesmo tempo.

Pedro se preocupa:

– Será que a nossa vai ser a maior?

Esse ano já não tem a concorrência de João e Walter. Foram morar na cidade. Os dois irmãos, vizinhos, sempre faziam a maior fogueira. Tinham um bambuzal perto de casa, o que lhes facilitava o serviço. E trabalhavam o sábado inteiro.

– Pai! Tá quase na hora? – grita Maninho.

– Ainda não! – responde a mãe. – Faltam vinte minutos.

São os vinte minutos mais longos desde o último sábado de Aleluia, e a agitação cresce à medida que o tempo vai passando.

Até que enfim o pai e a mãe vêm chegando. Vovô e vovó também. E Tia Marlene, que veio de São Leopoldo para ver as fogueiras. São recebidos com palmas, gritos, urras. Vovô e vovó se acomodo-

dam um pouco mais distante da fogueira, nas duas cadeiras que já foram colocadas para eles logo após o almoço.

E o pai, finalmente, põe fogo no feixe de palha. Mais vivas. Pequenos pontos de luz surgem espalhados pelos morros. As taquaras começam a espoucar.

O fogo já está enorme, iluminando ainda mais os olhos brilhantes de todos.

– Viva! Viva! – alegra-se o pai.

– Viva! – respondem os demais, num só coro.

A cada estouro de uma taquara maior, os vivas se multiplicam, enquanto fagulhas se espalham pelo ar.

– É o coelho? – pergunta o pai.

– Vem logo! – Rutinha aposta, com a maior satisfação.

Sabem que daqui a pouco o pai e a mãe vão encher os ninhos com balas, chocolates e coelhos de broa de mel. É assim todos os anos. Depois cantam, juntos, alguns hinos e fazem uma oração.

A fogueira desaba. O calor, aos poucos, cede. Agora a plateia se resume apenas aos avós, à tia e às crianças.

– Venham todos! – convida a mãe da varanda. – O coelhinho encheu os ninhos – revela com entusiasmo.

As crianças menores correm para dentro de casa. Charles e Maninho ainda recolhem alguns pedaços de madeira e os jogam sobre as brasas. Depois também entram.

– Das ist nicht richtig – choraminga o avô, ainda sentado.

– O que está errado, Herr Weber? – quer saber tia Marlene, com um leve sorriso nos lábios.

Ele tosse. Depois olha fixo para ela e responde:

– Isto! – e aponta para os morros.

– Deixa disso, Johann! Vamos subir! – convida Catharina, colocando-se de pé.

Depois, ela se queixa à tia Marlene que o marido nos últimos tempos só reclama da vida.

Tia Marlene pega o velho pelo braço, erguendo-o. Ele desabafa:

– Cada ano menos fogueiras!

Quando entram na cozinha, Rutinha grita:

– O coelho também encheu o ninho do vovô e da vovó.

Todos riem. O velho desbravador reprime um soluço e sorri, também. Afinal, o que lhe custa? É Páscoa!

## Sabedoria

Minha casa ficava entre dois arroios: um se chamava Glorinha, e o nome do outro não lembro. Acho que não tinha. Nasci nas águas, pode-se dizer, e desde pequeno ia com meu avô pescar. A casa dele encostava na nossa, e quando ele assoviava, eu já sabia o que ele queria.

– Dia de peixe grande! – ele dizia.

E não é que o danado acertava sempre? Uma vez duvidei. Só para ver o que ele ia fazer. Foi sozinho. Eu esperei alguns minutos e o segui. Ele estava sentado à margem, sobre os chinelos de couro, como sempre. Colocava a minhoca no anzol, com todo o cuidado. Um ritual. Era isso que sempre tentava me dizer. Pescar não é simplesmente prender a isca no anzol e jogar na água, ensinava. É preciso fazer as coisas certo.

Fazer as coisas certo era empenhar algo mais do que o corpo. Cada detalhe era executado como um compromisso: com a alma!

E nesse dia eu vi como ele preparava o anzol. Parecia que seu corpo não tinha peso. Movimentos leves, precisos. Levitava.

Foi desse jeito que também acendeu o palheiro. Até a chama do isqueiro era mansa. Deu quatro tragadas e se ajeitou melhor sobre o chinelo. Depois jogou o anzol, que caiu sereno a alguns passos da margem.

Depois, ficou imóvel. Não fosse a fumaça do palheiro, preso entre os dentes no canto da boca, diria que era uma estátua. Meditava. Seu olhar era tão fixo que parecia querer hipnotizar uma possível presa. De repente fez-me sinal para chegar mais perto. Como é que ele sabia que eu estava atrás dos arbustos? Aproximei-me dele.

– Uma traíra, e das grandes! – cochichou-me.

Agora eu fazia de conta que acreditava. Afinal, não podia duvidar de meu avô duas vezes no mesmo dia. No fundo, torcia para que fosse verdade.

Ele ajeitou um de seus chinelos para mim ao lado.

– Senta, meu neto! – ele convidou.

E eu sentei. Eu queria saber se era verdade mesmo que ele ia pescar uma traíra. Às vezes, quando minha inquietação de criança o incomodava, ele apenas me acariciava os cabelos com sua mão roliça. E filosofava:

– Calma, meu neto! Quem aprende a pescar, aprende a viver!

E foi assim, depois de quatro ou cinco ensinamentos, que meu avô tirou a maior traíra já pescada naquele arroio.

Durante muito tempo eu tentei descobrir como ele adivinhava essas coisas. Nunca perguntei a ele.

Hoje sei, no entanto, que ele não adivinhava. Ele sabia.

## O Aerowillis novo

As três crianças esperavam enfileiradas ao lado da porta do caroneiro. Seria a primeira viagem com o Aerowillis novo. Veio no meio da semana, mas só o pai tinha dado algumas voltas, para testá-lo.

Elas olharam as solas dos calçados, para ver se não tinham pisado num cocô de galinha ou em terra molhada. O pai não queria sujeira no carro novo. Já avisara de manhã cedinho.

Tio Astor iria junto e também já aguardava, esconrado numa árvore. Fumava um palheiro. Morava com eles fazia tempo. Perdera a esposa de tétano. Ele gostava muito de festas, e como era o Kerb de Nova Berlim, não podia faltar. Iriam à casa de Tio Emílio.

O pai e a mãe finalmente estavam prontos. Ele vestindo a melhor roupa, óleo no cabelo e barba

feita. Vinha brincando com a chave, girando-a com o indicador na argola do chaveiro.

○ tio limpou a garganta e brincou:

– Doutor Schuster, o que é isso? – e gargalhou.

A mãe também riu, mas o pai não achou graça. Antes de abrir a porta, conferiu se estava tudo certo com os pneus. Depois tirou algumas folhas secas do capô e abriu a porta.

As crianças pularam para dentro. Tiveram que se apertar para que o tio também coubesse. O casal na frente. O arranque funciona, e Tio Astor exclama:

– Donnerwetter!

Sempre dizia isso quando se espantava.

As crianças abanavam e gritavam tchau para os avós que olhavam da varanda. Aí começou a chuva. Ainda bem que já estavam todos dentro, sequinhos e limpinhos.

○ Aerowillis partiu pela estradinha de chão batido, e dentro cada um queria falar mais alto. As crianças berravam e apontavam para cada coisa que viam do lado de fora, fosse um pássaro ou um cão. Tio Astor e Mário elogiavam o carro.

Quando passaram por cima da ponte do Arroio das Antas, as crianças pediram ao pai que parasse o carro. Queriam olhar para baixo. E Mário breiou tão forte que todos foram jogados para frente.

– Freio novo é assim – justificou-se.

Um dos meninos bateu forte a cabeça e quis chorar, mas os outros foram por cima dele para chegar próximo à janela. Assim, ele teve que se defender para não perder o lugar.

– Calma! Calma! – pediu Tio Astor sentado na outra extremidade. – O arroio não vai fugir – completou.

Mais adiante, numa curva, o carro derrapou e chocou-se contra o barranco. As crianças gritaram e choraram. Os adultos, depois de se certificarem de que estava tudo bem com elas, olharam o estrago.

– Quase nada! – surpreendeu-se Tio Astor.

– Um arranhão – consolou-se Mário.

A mãe disse que podia ter sido pior, já abraçada aos filhos que afundavam no barro vermelho.

– Vamos lá! – convidou, por fim, o dono do Aerowillis novo, dessa vez sem se importar com os calçados sujos.

## O concerto

Talvez ainda faltassem alguns minutos. Mas já estávamos todos sentados sobre os dois bancos. Irrequietos, esperávamos o início do ensaio, que, para nós, não era um ensaio, mas uma apresentação. Um concerto.

Isso faz muito tempo.

Tudo começou com a chegada do casal de músicos à vila. No início, chamava-nos atenção somente a aparência do homem: magro, alto, barba longa que parecia artificial de tão grisalha. Cabelo também comprido, com rabinho. Quase sempre vestia um paletó. Inclusive em casa.

Às oito da manhã, saía para caminhar. Usava sandálias, diferentes das que conhecíamos. Com meias. O músico, mãos às costas, andava devagar, olhando para cima, para a copa das árvores, para

os morros que circundavam o pequeno vilarejo. Ou ainda falava com as nuvens.

Era um andar triste, solitário. De quem procura na natureza uma razão para a existência. Um dia falei em casa que o achava meio louco, e meu pai disse baixinho:

– Ele não é louco, ele filosofa.

Não entendi muito bem o que papai queria dizer com filosofar. Mas ele devia saber. Vai ver que filosofava mesmo.

No início achávamos as músicas chatas, enjoadas, e queríamos ficar longe da casa dele quando ensaiavam. Sempre tocavam os dois, ele e a mulher. Dela pouco se sabia. Não era de sair. Diziam que era de um país distante. Noruega ou Áustria. Ou terá sido Dinamarca?

Com o tempo, aquela música foi acariciando nossos ouvidos. Havia algumas que eram até lindas. E fomos nos aproximando. Primeiro Astor, Hilton e eu. Depois Hubert. Por fim já éramos oito admiradores. Todos os dias sentávamos naqueles bancos, no pátio da casa de Astor, que era o primeiro

vizinho dos músicos. E torcíamos para que eles tocassem a valsinha.

Ele tirou o violino do estojo. Afinou-o. Aí ela entrou e acomodou-se na banquetta, em frente ao piano. Ia começar o ensaio. Será que tocariam a valsinha?

Ao encerrarem a primeira música, batemos palmas. Ele imediatamente largou seu instrumento e olhou pela janela. Estávamos lá, pegos de surpresa. Encolhidos. Medrosos. Adeus música nos finais de tarde.

Foi quando ele deu um sorriso satisfeito:

– Ah, são vocês? – perguntou, como se já conhecesse sua plateia, e convidou-nos a entrar. Ficamos sentados, sem saber direito o que fazer. Entrar na casa deles?

Foi aí que ela apareceu à janela:

– Não ouviram? Queremos que vocês entrem.

Era quase uma ordem. Não podíamos recuar. Entramos, meio de lado, e sentamos no chão da pequena sala. Aí eles começaram a tocar. Só para nós. Ouidas mais de perto, as músicas eram ainda

mais lindas. Por longo tempo eles ensaiaram. Nossos ouvidos, atentos, perceberam logo que aquelas músicas falavam de vida. E traziam vida. De uma forma diferente das outras que se ouviam pela cidade.

Ele sempre anunciava as peças que iriam tocar. Quando ele dizia um título e, em seguida, “de minha autoria”, dava um sorriso largo, de satisfação.

Quando terminaram o ensaio, batemos palmas. Eles agradeceram. Corri até eles e os abracei. Que importava se eram tão diferentes de mim?

## Marianinha

A febre não baixava, apesar das compressas com sal e vinagre. Geraldo e Joana aguardavam no quarto um sinal de melhora da filha desde a tarde. Ela sentada sobre a cama, ele, na cadeira ao lado da janela. A luz da lamparina mal iluminava o quarto. Mas era o suficiente para que se vissem como vultos.

Lá fora, vento e a chuva fina que batia contra a parede. Joana enrolou-se no cobertor.

– Vá – sugeriu por fim – não há outra coisa a fazer.

Geraldo saiu. Vestiu o poncho e encilhou o cavalo. Antes de partir, voltou ao quarto. Beijou a testa da filha, que ardia em febre. Também beijou a face da mulher.

– Sabe que horas são? – ela pediu, talvez mais para ouvir a própria voz.

– Duas horas. Pouquinho além das duas – e desejou que ela ficasse bem.

– Vá com Deus, Geraldo! – a voz saiu engasgada.

Pouco depois, o trotar do cavalo tornou a noite inquieta. Geraldo se encolheu sobre a montaria, poncho largo, chapéu de abas e botas de cano alto.

No quarto, Joana fez as contas. Se desse tudo certo, o marido estaria de volta até às cinco, no máximo cinco e meia.

– Aguenta firme, minha filha! – cochichou no ouvido de Marianinha – Teu pai foi buscar o Doutor.

Abriu a Bíblia, aproximou a cadeira da lamparina e leu. Primeiro em voz baixa, mexendo apenas os lábios. Pouco depois, o murmúrio tomava conta do pequeno quarto. Leu até que as vistas cansaram. Depois fez uma oração, longa, pedindo ao Senhor que intercedesse. Mais três ave-marias. E os olhos foram fechando aos poucos, até que se abri-

ram de novo. A filha dormia ao lado. Apoiou a palma da mão sobre a testa da menina. Ainda estava quente, bastante quente.

Um galo cantou. Depois outro. Aplicou mais compressas na filha.

– Reaja, minha flor! – pediu em desespero. E por momentos arrependeu-se de não ter pedido ao marido para trazer o padre.

Será que a filha estava morrendo? Não, não podia ser. Isso é normal. As pessoas às vezes estão doentes, têm febre. Marianinha apenas estava resfriada. Em breve já estaria boa e correria pelo pátio, feliz com a boneca nova. Trataria seus passarinhos na gaiola. Era isso. Precisava ter esperança. Leria um pouco mais a Palavra. Assim, ficaria mais confiante. Precisava encontrar forças, ser persistente.

E leu. Leu e chorou em silêncio. Um silêncio por vezes interrompido pelo canto de um galo. Ou pelo latido de um cão.

Geraldo retornava. Ao lado, o médico. Faltava pouco para chegar em casa. Talvez quinze minutos, vinte no máximo.

Pela primeira vez durante o trajeto Geraldo teve vontade de chorar. Soluçou. Tirou o chapéu, e a chuva, agora abundante, lavou as lágrimas e o desespero do rosto.

Amarraram os cavalos no galpão. Geraldo tirou um cigarro do bolso e o acendeu. A fraca chama do isqueiro iluminou um rosto cansado, mas esperançoso.

– Vamos lá! – disse, por fim.

Entraram na cozinha. Uma luz vinda do quarto definhava até a sala. Geraldo apanhou um lampião sobre a mesa e o acendeu. No quarto, Joana ergueu-se e estendeu a mão para o médico. Ele retribuiu com um boa-noite e um breve sorriso. Geraldo procurou um lugar para o lampião que ainda segurava na mão e esbarrou numa cadeira.

– Mãe! – chamou a menina, erguendo um pouco a cabeça.

Joana agradeceu a Deus e abraçou a filha, não sem antes lançar um olhar de surpresa para o doutor Gonçalves.

O médico a examinou em silêncio e aplicou uma injeção. Depois conversou demoradamente com os pais na cozinha. Deixou remédios e mandou que o chamassem com urgência caso percebessem algo errado. Depois se despediu, no pátio, sob o espreitar da manhã.

O casal voltou ao quarto e viu a pequena em sono profundo. Joana apagou a chama da vigília e abraçou o marido.

– Agora ela pode ficar no escuro! – ela sorriu.

– É, pode! – ele concordou.

E saíram.



**OKOS**  
EDITORA

ISBN 978-65-5974-026-0



9 786559 740260